

Quando as janelas se abrem: o papel da arte na reabilitação¹

When a window opens: the role of art in rehab

Karina Cyrineu Vale^{II}, Maria Rodrigues Naves^{III}

Resumo

Esta comunicação trata do processo de criação de um videodocumentário institucional realizado por profissionais e usuários do Centro de Referência em Reabilitação (CRR), serviço de Saúde do SUS Campinas que atende pessoas com deficiência física temporária ou permanente. O vídeo foi realizado por profissionais do próprio CRR, da Secretaria Municipal de Saúde e voluntários. A partir do enfoque dos espaços terapêuticos e de convivência mediados pela escuta e pela arte, bem como depoimentos dos usuários e profissionais de saúde, o processo de reabilitação é abordado nos seus aspectos físicos, psíquicos e sociais, visando à integralidade da ação terapêutica. O vídeo foi produzido em DVD e distribuído para usuários, profissionais participantes e para serviços da rede pública de saúde integrantes dos trabalhos de matriciamento. Foi disponibilizado no *blog* do Núcleo de comunicação: *suscampinas.wordpress.com/2010/11/10vídeo – quando-as-janela-se-abrem*. O vídeo desde a sua construção vem permitindo uma reflexão crítica sobre a clínica em reabilitação dentro da política em Saúde Pública. O registro desse trabalho possibilita a divulgação e, para além disso, o próprio processo de criação e sua exibição seguida de rodas de conversa mostrou-se como um recurso terapêutico possível.

Palavras chave: Arte terapia em reabilitação física; Clínica ampliada, Videodocumentário

Abstract

This paper is about the process of creating an institutional documentary video made by professionals and users from the Rehab Reference Center (RRC), a Brazilian Health Unique System service, which assist people who have a temporary or definitive physical disability. The video was produced by RRC, Health Municipal Secretary professionals and volunteers. From the focus on therapeutic and living spaces, mediated by listening and art, as well as statements from health professionals and users, the rehab process is considered in its physics, psych and social aspects, aiming the therapeutic action integrality. The video was produced in DVD and distributed among users, professionals and public health services involved in matrix works. The video is available for hire on the communication nucleus blog: *suscampinas.wordpress.com/2010/11/10vídeo – quando-as-janela-se-abrem* and also at YouTube. Since its production, the video allows a critic reflection about rehab clinic inside a public health policy. This study being recorded makes possible the spread of the work. Furthermore, the creation process and its exhibition, trailed by chat groups was considered a possible therapeutic resource.

Keywords: art therapy in physic rehab, expanded clinic, documentary video

¹ <http://www.divshare.com/download/12409639-ca3>

^{II} Karina Cyrineu Vale (karinacyrineu@gmail.com) é Psicóloga clínica do Centro de Referência em Reabilitação da Prefeitura Municipal de Campinas (CRR/PMC), graduada pela PUCAMP, com formação em psicoterapia psicanalítica pela FCM/UNICAMP, arteterapeuta com formação pela Escola de Extensão da UNICAMP, Docente do Curso de Arteterapia do CEFAS (Centro de Formação e Assistência à Saúde) - Campinas-SP, educadora somática pela técnica Klauss Vianna pelo Salão do Movimento/Jussara Miller - Campinas-SP.

^{III} Maria Rodrigues Naves é Psicóloga do CRR/PMC, com formação em Saúde Pública pela FCM/Unicamp, graduada pela UFU.



“Quem faz um poema abre uma janela.
Respira, tu que estás numa cela abafada,
esse ar que entra por ela.
Por isso é que os poemas têm ritmo
- para que possas profundamente respirar.
Quem faz um poema salva um afogado.
(Emergência, Mario Quintana)

Introdução

Em Saúde Pública, o termo ‘Reabilitação’ vem sendo aplicado ao conjunto de práticas e intervenções clínicas destinadas a pessoas que sofreram uma ‘perda’ corporal ou funcional. De forma geral, ao conjunto desses cidadãos que convivem com essas limitações ou sequelas dá-se a denominação genérica de Pessoas com Deficiência¹.

Estima-se, considerando a população residente no país, que 23,9% possuíam pelo menos uma das deficiências atualmente investigadas

(visual, auditiva, motora, mental ou intelectual), sendo que 7% referem-se à motora⁴. Historicamente, nosso conceito de ‘normalidade’, restrito a uma dimensão mais quantitativa, contribuiu para um processo de estigmatização e exclusão social desses cidadãos⁸. Até o passado recente, crianças com deficiência não frequentavam o sistema de ensino regular e adultos com deficiência tinham muito poucas oportunidades de explorar suas potencialidades laborativas.

Graças aos avanços no campo dos direitos e, conseqüentemente, nas políticas públicas direcionadas a esse segmento populacional, essa realidade vem mudando gradativamente.

No campo da Saúde podemos dizer que essas mudanças vão se refletindo nas próprias práticas dos serviços e nas relações entre profissionais e usuários. Nossas práticas clínicas em reabilitação vão acompanhando as transformações de um ‘modelo’ medico ou biológico para um modelo social em reabilitação¹¹.

O trabalho do Centro de Referência em Reabilitação (CRR-Sousas), serviço de Saúde do SUS Campinas que atende pessoas com deficiência física temporária ou permanente, mostrado nesse videodocumentário, revela esse percurso dentro do binômio incapacidades-potencialidades em suas múltiplas faces.

Da exclusão ao tecimento do projeto de vida

A reclusão/exclusão dos “diferentes” contribuiu para a naturalização da exclusão desses pacientes, ou seja, historicamente tal processo contribuiu para a patologização da diferença⁷. Vivendo um processo de ampliação da atenção para além do atendimento médico e fisioterapêutico, o CRR em suas ações vem se pautando num trabalho interprofissional nos moldes da clínica ampliada³, onde a inclusão desses pacientes passa pela mudança do olhar e de estratégias na reabilitação, buscando a integralidade como paradigma norteador. Os recursos da Saúde Integrativa^{IV} (acupuntura, tai chi chuan, homeopatia, fitoterapia) juntam-se aos recursos da arte, atualizando as potências e ampliando o alcance do processo terapêutico.

Partindo dos fundamentos na clínica winnicottiana¹⁶, buscamos o estabelecimento de um “ambiente terapêutico suficientemente bom”, ou seja, reconhecendo suas necessidades e momentos de maior dependência do nosso cuidado, mas também favorecendo e estimulando a autonomia possível dentro do seu processo de desenvolvimento na reabilitação. Referenciamos-nos ainda no seu conceito de criatividade como matriz do desenvolvimento da saúde mental, buscando no reconhecimento dos gestos espontâneos o caminho de contato com a essência subjetiva

e criativa de cada um, seu verdadeiro *self*¹⁵. O uso da arte no processo de reabilitação integral é instrumento terapêutico, não só nos espaços de atendimento clínico que configura o trabalho arteterapêutico propriamente dito¹², mas também como um leque de opções de investimento da libido e do potencial criativo dos pacientes nas várias oficinas que estão sendo criadas, de forma que a doença não seja o único foco, mas também o potencial de saúde, o lúdico, o prazeroso em cada um. Nesse sentido, a ideia inicial de utilizar a filmagem como registro do papel da arte na reabilitação, o próprio processo de criação do filme e a exibição do produto final mostraram-se como um recurso no tratamento, sensibilizando discussões do processo de terapêutico e gerando reflexões e ressignificações das experiências subjetivas de cada expectador.

O processo criativo do videodocumentário

A ideia de registrar em imagem o trabalho realizado no CRR surgiu de um convite para participarmos de uma mesa para falar dos aspectos psicossociais da reabilitação física. A ideia era apresentar o trabalho de reabilitação a partir desse enfoque de atenção integral. Era um desejo da equipe de profissionais ligados às oficinas terapêuticas registrar o trabalho, pois percebíamos a riqueza de experiências que esses espaços propiciavam aos pacientes. O verbal não era suficiente para comunicar esse trabalho. Surgiu então o estímulo concreto e eminente de registrar o trabalho utilizando-se do recurso audiovisual, buscando a amplitude do registro e da comunicação. Por que não fazemos um documentário? Um recurso artístico para registrar o trabalho terapêutico que inclui a arte no seu processo.

Tendo como fio condutor a fala dos próprios usuários, o videodocumentário focou as

^{IV} Para saber mais sobre essa abordagem na saúde acessar: http://2009.campinas.sp.gov.br/saude/programas/integrativa/2_7_8.htm

oficinas e grupos que utilizam a arte no processo terapêutico, a partir das vivências artísticas e integradoras dos pacientes em seu caminho de reabilitação. Possibilitar um registro do trabalho de arte em reabilitação oferecido pelo serviço, visando à divulgação, reflexão e ampliação das ofertas afins. Ampliar a clínica da reabilitação física, utilizando-se do recurso audiovisual como instrumento de construção de um “olhar” sobre o processo de reabilitação; propiciar voz e expressão às vivências subjetivas dos usuários. Além disso, utilizar o videodocumentário em encontros científicos (jornadas, seminários, congressos e afins); compartilhar com usuários e profissionais da área de reabilitação uma síntese do trabalho de reabilitação e arte oferecido no CRR.

Um desejo, uma agenda e nenhuma experiência na área. Foi com a oferta de um voluntário que conhecia o serviço que fizemos as primeiras imagens, tentando conciliar as agendas e o cotidiano do serviço. O roteiro foi pensado e estruturado em parceria por duas psicólogas do serviço, autoras dessa comunicação, nas funções de terapeuta e coordenadora na época, respectivamente. A psicóloga terapeuta também dirigiu a filmagem, de forma intuitiva, utilizando-se de suas referências como amante da sétima arte^{2,5,6,9,13}. O roteiro e direção focou o ambiente terapêutico, o processo de criação, os produtos e obras realizadas, as relações e produtos subjetivos da arteterapia, a visão da própria equipe.

A uma semana da apresentação tínhamos somente as imagens. O trabalho de edição estava todo por fazer. As tentativas de parceria voluntária para edição não se haviam concretizado. Foi nesse momento que conseguimos contatar uma pessoa na Secretaria de Saúde que estava participando da implementação de um Núcleo de Comunicação; um profissional formado em Cinema apostou na ideia e realizou em tempo recorde a

primeira edição, a partir de um roteiro de corte proposto, mas também com intervenções a partir de suas próprias observações. Diálogos no processo de criação.

Dessa relação entre profissionais técnicos, terapeutas, gestores e voluntários foi nascendo o documentário. Essa parceria gerou uma diversidade de olhares e experiências.

As oficinas e espaços que não puderam ser filmados foram fotografados, mas mesmo assim muitos espaços não foram visualmente registrados, pois essa não é uma prática cotidiana do serviço.

Um trabalho cuidadoso de conversar com os pacientes, explicar o propósito, adentrar o espaço que era da reclusão ou sigilo, propôr a fala, o microfone, a câmera, a autorização da imagem e do depoimento.

Um momento que foi, de um lado, tomando partes do espaço terapêutico, medidas para não configurar uma invasão, cuidando do *setting*¹⁴ que é, ao mesmo tempo, reinventado, ousando ampliações.

A elaboração dos pacientes, que depois se viam no filme e se sentiam ouvidos, que tinham algo a dizer, que não eram “apenas” pacientes, mas pessoas com algo a comunicar, a mostrar e a se mostrar, de corpo inteiro. Não ‘pessoas com deficiência’, mas pessoas. Pessoas com algo a dizer sobre suas subjetividades, a partir do que é mais raro no ser humano, expressar suas experiências de vida, sentindo-se vivos e, a partir da dor e da falta, transcendê-las.

Da vivência da exclusão à experiência de abrir das janelas. Janelas das imagens de suas obras, que resumem e ampliam suas trajetórias e abrem possibilidades, de expressão de afetos, de ressignificação de experiências, de elaboração dos lutos, olhares e escutas para novas possibilidades.

Resultados

O vídeo foi disponibilizado no YouTube^v, no blog^{vi} do Núcleo de Comunicação da Secretaria Municipal de Campinas e apresentado em alguns eventos públicos, como na IX Semana de Luta da Pessoa com Deficiência (2010), em desfile inclusivo, em grupos educativos no próprio serviço, seguido de rodas de conversa, e como um dos recursos dos trabalhos de apoio matricial realizado junto às UBS.

O vídeo foi produzido em DVD e disponibilizado para os usuários, profissionais participantes e distribuído para demais profissionais dos serviços públicos da rede de saúde interessados ou participantes dos trabalhos de matriciamento do serviço.

O trabalho, incluindo a idealização, roteiro, filmagem, capa e apresentação oficial, deu-se no período de março a novembro de 2010.

Conclusões

O nosso vídeo, desde a sua construção, vem permitindo uma reflexão crítica sobre a clínica em reabilitação dentro de uma política em Saúde Pública. A proposta de trabalhar a Reabilitação Física com ofertas de oficinas e grupos terapêuticos visa ao cuidado integral do paciente em reabilitação. O registro desse trabalho configurou um objeto – o filme – que pretende gerar esses e outros diálogos. A partir do próprio processo de criação, inerente a qualquer fazer artístico, e do produto gerado, a obra, que cria vida própria e gera reflexões; a partir dos infinitos olhares e interpretações que um processo e produto artístico são capazes de provocar.

Foi um trabalho ousado, que reuniu muitos atores e saberes que vão além da formação

tradicional dos profissionais da saúde. Isso gerou necessidade de trocas com outros atores e serviços, num verdadeiro trabalho intersetorial e transdisciplinar, um aprendendo com o outro. Conciliar um projeto dessa natureza com a prática clínica cotidiana foi um grande desafio, gerando extensas horas extras de trabalho. Os resultados e o sentido do trabalho para os usuários, em especial para os participantes, fez e faz valer o esforço. O fato de o produto físico poder ser ainda utilizado amplia os ganhos com esse projeto.

O fato de esse trabalho ter um resultado físico – o vídeo – possibilita infinitos desdobramentos. Ele foi e pode continuar sendo utilizado nos trabalhos de matriciamento, eventos internos e grupos, seguidos de rodas de conversa que ampliam e aprofundam a discussão do que é mesmo reabilitação, o que é cuidar, o que é saúde, o que é humanização.

Agradecimentos

À equipe, pelo trabalho cotidiano de parcerias.

Aos usuários, nossos verdadeiros mestres.

A Marcos Botelho, pela dedicada edição; e a Jayme Pereira Júnior, pelas generosas imagens. Pelo trabalho que transcendeu os limites do bom profissionalismo e confluiu numa experiência genuinamente humana.

Referências

1. Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Assistência à Saúde. Manual de legislação em saúde da pessoa portadora de deficiência. Brasília: Ministério da Saúde, 2003.
2. Broz, Pedro; Berlinder, Roberto. Herbert de perto, doc Brasil, 2006
3. Campos, G.W.S. (1996/1997) A clínica do sujeito: por uma clínica reformulada e ampliada. In Saúde Paideia. SP: Ed Mussite, 2002

^v <https://www.youtube.com/watch?v=HposgphKHyc>

^{vi} suscampinas.wordpress.com/2010/11/10/video-quando-as-janela-se-abrem

4. Cartilha do Censo 2010 – Pessoas com Deficiência / Luiza Maria Borges Oliveira / Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República (SDH/PR) / Secretaria Nacional de Promoção dos Direitos da Pessoa com Deficiência (SNPD) / Coordenação-Geral do Sistema de Informações sobre a Pessoa com Deficiência; Brasília : SDH-PR/SNPD, 2012.
5. DOC TV: Programa de Fomento à produção e Teledifusão do Documentário brasileiro. TV Cultura, 2003. doctv.cultura.gov.br
6. Faro, Fernando. Ensaio: Programa da TV Cultura. www.tvcultura.com.br/ensaio/sid=239
7. FOUCAULT, Michel. Microfísica do poder. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
8. GOFFMAN, Erving. Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4a. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.
9. Jardim, João, Harley, Karen. Lixo extraordinário (waste land) Produção Lucy Walker. Doc, Brasil-Reino Unido, 2010, 90 m
10. Lennon, John, Mc Cartney, Paul. A day in the life- clip youtube: <http://beatlestube.net/vídeo.php?title=a+day+in+the+life>
11. Mendes, L. G. G. **Subjetividade e lesão medular: vida que escapa à paralisia**. Belo Horizonte, 2007
12. Lennon, John, Mc Cartney, Paul. A day in the life- clip youtube: <http://beatlestube.net/vídeo.php?title=a+day+in+the+life>
13. Mendes, L. G. G. **Subjetividade e lesão medular: vida que escapa à paralisia**. Belo Horizonte, 2007
14. Pain, Sara; Jarreau, Gladys. Teoria e técnica de arteterapia: a compreensão do sujeito. Porto alegre: Artes Méd, 1996.
15. Rocha, N S. Momentos, LG Portugal, maio 2010. http://www.youtube.com/watch?v=FJku5nxMOuY&feature=player_emedede#!
16. Winnicott, D.W. Aspectos clínicos e metapsicológicos da regressão dentro do setting psicanalítico (1954-5) In: **Textos selecionados: da pediatria à psicanálise**. RJ: F. Alves, 1998. p. 459-481
17. WINNICOTT, D. W. O Brincar e a Realidade. Imago ed. RJ: 1975.
18. WINNICOTT, D. W. Preocupação materna primária (1956). In: **Textos selecionados: da pediatria à psicanálise**. RJ: F. Alves, 1998